

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 4

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

Data de submissão: 20/11/2020

Data de aceite: 21/12/2020

María del Pilar Cobo González

Universidad de Buenos Aires

Buenos Aires, Argentina

<https://orcid.org/0000-0003-3448-5563>

RESUMEN: El Enlace Ciudadano fue un programa mediante el cual el presidente de Ecuador, Rafael Correa, informaba a los ecuatorianos semanalmente acerca de sus actividades. Este programa se transmitió durante una década (2007-2017) y contaba, entre sus segmentos, con un resumen en kichwa, la lengua ancestral más hablada en el país. Este segmento estaba a cargo del indígena José Maldonado, mejor conocido como Mashi, quien narraba en kichwa las actividades que había efectuado el Presidente durante la semana. Maldonado interactuaba con Correa durante el segmento, bromeaban y conversaban, casi siempre en español. Pese a que este segmento estaba concebido como una traducción del Enlace Ciudadano para la comunidad indígena más grande del país, solo se limitaba a informar acerca de las actividades presidenciales, sin ahondar en los temas sensibles y trascendentes

que se trataban durante este programa semanal, y constituía un espacio distendido, muy distinto al del resto del Enlace. En este trabajo analizaré la interacción que ocurre entre Rafael Correa y José Maldonado durante el segmento de la traducción de Enlace Ciudadano al kichwa. Me enfocaré en los temas recurrentes, cómo se representa al kichwa, e intentaré descubrir si el segmento de la traducción al kichwa y la construcción de los ethe de Correa y Maldonado logran validar y fijar el discurso de interculturalidad e inclusión que enarbola la Revolución Ciudadana (proyecto político de Correa).

PALABRAS CLAVES: ethos, interculturalidad, kichwa, Rafael Correa.

O PRESIDENTE E MASHI: INTERAÇÃO E ETHOS NO RESUMO EM KICHWA DOS ENLACES CIDADÃOS DE RAFAEL CORREA

RESUMO: O Enlace Cidadão foi um programa no qual o presidente do Equador, Rafael Correa, informava aos equatorianos semanalmente sobre suas atividades. Este programa foi transmitido durante uma década (2007-2017) e trazia, entre seus segmentos, um resumo em Kichwa, a língua ancestral mais falada do país. Este segmento estava a cargo do indígena José Maldonado, mais conhecido como Mashi, quem narrava

em Kichwa as atividades que o Presidente havia executado durante a semana. Maldonado interagiu com Correa durante o segmento, com conversas e brincadeiras, quase sempre em espanhol. Apesar de que este segmento estava idealizado como uma tradução do Enlace Ciudadano para a maior comunidade indígena do país, o mesmo limitava-se a informar sobre as atividades presidenciais, sem aprofundar nos temas sensíveis e transcendentais que se discutiam durante o programa semanal, e consistia num espaço estendido, completamente diferente ao restante do Enlace. Neste trabalho analisaremos a interação que ocorre entre Rafael Correa e José Maldonado durante o segmento da tradução do Enlace Ciudadano ao Kichwa. Enfocaremos nos temas recorrentes, de como se apresentam ao Kichwa, e tentaremos descobrir se o segmento da tradução ao Kichwa e a construção dos ethe de Correa e Maldonado conseguem validar e fixar o discurso de interculturalidade e inclusão que enaltece a Revolução Cidadã (projeto político de Correa).

PALAVRAS CHAVE: ethos, interculturalidade, kichwa, Rafael Correa.

1. INTRODUCCIÓN

Uno de los principales medios por los cuales el expresidente de Ecuador Rafael Correa se dirigió al pueblo ecuatoriano, en la década que duró su mandato, fue el *Enlace Ciudadano*. Este programa constituyó el espacio en el cual el presidente informaba a los ecuatorianos acerca de las actividades oficiales que había efectuado durante la semana y sobre los diversos proyectos que se llevaban a cabo en su gobierno, así como para expresar su opinión acerca de la coyuntura del país y del mundo. El *Enlace Ciudadano* contaba entre sus segmentos con un resumen en kichwa.¹

El resumen del *Enlace Ciudadano* al kichwa fue concebido como una manera de relieves el interés del Gobierno ecuatoriano por la interculturalidad, uno de los ejes de su proyecto político. Este segmento fue guiado por un indígena kichwa de la provincia de Imbabura, José Maldonado, quien narraba en este idioma las actividades que había efectuado el presidente durante la semana e interactuaba con este, casi siempre en español. Pese a que este segmento estaba concebido como un resumen para la comunidad indígena más grande del país, solo se limitaba a informar acerca de las actividades presidenciales, sin ahondar en los temas sensibles y trascendentales que se trataban durante este programa, y constituía un espacio distendido, muy distinto al del resto del *Enlace*.

En este trabajo, revisaré la interacción entre Rafael Correa y José Maldonado durante este segmento. Partiré de una caracterización del *Enlace* y del informe en kichwa, y analizaré los temas recurrentes que se plantean durante la interacción, así como las

¹ Utilizaré para este trabajo la grafía 'kichwa', pues así se ha unificado la escritura de esta palabra en la variante ecuatoriana y conta en la Constitución de la República del Ecuador, de 2008.

razones por las que se incluye al kichwa en este programa y cómo se representa a esta lengua. Luego, desde la perspectiva del ethos (Mainguenu, 2010; Charaudeau, 2009), intentaré descubrir si el segmento del informe en kichwa y la construcción de los *ethos* de Correa y Maldonado logran validar y fijar el discurso de interculturalidad e inclusión que enarbola la Revolución Ciudadana (proyecto político de Alianza País), o si, al contrario, se trata de una estrategia populista que reproduce interacciones racistas y colonialistas que han estado históricamente presentes en el país.

2. CONTEXTO DEL ENLACE CIUDADANO

El *Enlace Ciudadano*, conocido coloquialmente como ‘sabatina’, fue un programa semanal mediante el cual el presidente de Ecuador, Rafael Correa, informaba a los ecuatorianos sobre sus actividades. En la página de la Secretaría de Comunicación (Secom) se explica de qué se trataba este programa:

El *Enlace Ciudadano* permite al Primer Mandatario rendir cuentas de su gestión a todos los ecuatorianos, quienes, por este medio, están al tanto de temas coyunturales, así como de la gestión gubernamental en diversos ámbitos. Dada su importancia política, este espacio se ha convertido en referente mediático y fundamental para la opinión pública. (Secom)

Este programa fue uno de los principales productos comunicacionales de Correa, una “rendición de cuentas”, como lo denominaba. El primer *Enlace Ciudadano* se transmitió el 20 de enero de 2007, cinco días después de que Correa asumiera la presidencia, y el último *Enlace*, el 523, se transmitió el 20 de mayo de 2017, cuatro días antes de que dejara la presidencia. En un inicio, el *Enlace*, denominado *El presidente dialoga con su pueblo*, fue concebido como una cadena nacional radial, en la cual, mediante el diálogo entre el presidente y periodistas, se pudiera “vertebrar de una manera clara, objetiva, que no sea empañada por actores que pretenden empañar la gestión del Gobierno” (*Enlace Ciudadano 1*). Luego se abrió el diálogo a otros ciudadanos.

En el primer *Enlace*, Correa anunció el objetivo de este programa: Cada sábado existirá esta cadena nacional de radio y televisión con voluntariamente los medios que se quieran unir a ella, donde el presidente, de la forma más abierta, más frontal, más espontánea contestará las inquietudes de los periodistas que me estén entrevistando [...]. Ese es nuestro deber, yo soy un simple mandatario, ¿qué significa mandatario? El que recibe el mandato, el mandante que ordena es el pueblo ecuatoriano, y debemos rendir cuentas a ese pueblo ecuatoriano.

La primera cadena duró 34 minutos y fue emitida desde el Palacio Presidencial, en Quito. En esta, el presidente se ubicaba en una mesa junto con el presentador y dos periodistas, mientras otros reporteros ocupaban el lugar del público. A partir de la segunda

cadena, el tiempo se aumentó a una hora, pero siguió la misma dinámica: dos periodistas elegidos entrevistaban al presidente y luego se abría el diálogo con los reporteros que estaban en el público. Al final, la secretaria de Comunicación, Mónica Chuji, leía el resumen de la cadena en kichwa durante dos minutos.

Con el tiempo, la dinámica del *Enlace* cambió: de ser un espacio de diálogo con los periodistas y representantes de grupos sociales, se convirtió en un espacio en el que únicamente hablaban el presidente y sus colaboradores. La puesta en escena también se modificó, pues ya no se trataba de un lugar cerrado, con una mesa principal y un espacio para el público. Después, el *Enlace* se llevaba a cabo casi siempre en un lugar abierto, con el público ubicado en sillas bajo varias carpas, mientras Correa se encontraba en una mesa sobre una tarima. Junto a Correa estaba José Maldonado, conocido como Mashi², quien fungía de presentador y traductor de la sabatina al kichwa. Atrás de esta mesa había una gran pantalla. Además, la duración era de aproximadamente cuatro horas (el último *Enlace*, por ejemplo, duró 03:16:00). Podría decirse que, de cierto modo, con el paso del tiempo el *Enlace* se ‘espectacularizó’.

Hasta la última sabatina, el guion fue más o menos el mismo. En primer lugar entraba el presidente: se lo podía ver saludando con la gente y tomándose selfies con quien se lo pedía. Mientras tanto, Maldonado saludaba a los asistentes y daba paso a un video que presentaba datos acerca del lugar en donde se llevaba a cabo el *Enlace*, pues este se efectuaba cada sábado en un lugar distinto. Este video, además, hablaba sobre las obras de la Revolución Ciudadana en el lugar.

El presidente subía a la tarima, saludaba con Maldonado y con los asistentes, y empezaba el informe de actividades. Este no solo era un resumen de lo que Correa había hecho durante la semana, sino que se matizaba con su opinión sobre diversos temas coyunturales y críticas a la oposición. Además, durante el informe, solía pedir la participación de los ministros o responsables institucionales que asistían al *Enlace*, acerca de los temas que son de su competencia. En los últimos 20 minutos del *Enlace*, Maldonado leía un resumen en kichwa. Luego, el presidente se despedía.

3. EL RESUMEN EN KICHWA

En el segundo *Enlace Ciudadano*, entró en escena Mónica Chuji, secretaria de Comunicación del Gobierno. Chuji pertenece a la comunidad kichwa amazónica y fue la primera mujer indígena en ocupar el cargo de secretaria de Comunicación. Su papel era presentar el *Enlace* y, en los últimos minutos, leer el resumen de este en kichwa. En junio

² Mashi es una palabra kichwa que significa ‘compañero’. Esta es una denominación muy común entre Correa y sus colaboradores. De hecho, la dirección de Twitter de Correa es @MashiRafael.

de 2007, Chuji dejó el cargo en la Secom, y, por lo tanto, su colaboración en el *Enlace*, para postularse a asambleísta por el partido gobiernista, Alianza País. En su lugar se convocó a José Maldonado.

Maldonado es un indígena kichwa del pueblo de Peguche, de la provincia de Imbabura³. Es economista, aunque no ejerció esta profesión. Se ha dedicado a la docencia de kichwa, y es así como conoció a Rafael Correa, pues este fue su alumno en la Universidad San Francisco de Quito. Después, durante la primera campaña para la presidencia, Maldonado colaboró con Correa, y este lo convocó para participar en el *Enlace Ciudadano* a partir de la emisión 23, el 23 de junio de 2007. En un principio, Maldonado se limitaba a leer, durante cinco minutos, el resumen en kichwa. Con el tiempo, ganó protagonismo, hasta ser quien presentaba las sabatinas y la única persona que acompañaba al presidente en la mesa, sobre la tarima. En una de las varias semblanzas que se han hecho sobre este personaje, se indica que “es el único que se atreve a tomarle el pelo a este Mandatario que se caracteriza por hacerse temer, y que exige respeto a su autoridad” (*El Comercio*, 2009).

Según Maldonado, el objetivo de este segmento es “dar a conocer a la población indígena kichwa las actividades que desarrolla el Gobierno en su propia lengua. De tal forma que ellos puedan saber, y sobre todo entender, lo que hace este Gobierno” (Entrevista, 2016⁴). Se escogió el kichwa como lengua de transmisión de este segmento debido a que, en Ecuador, la mayor población indígena pertenece a esta nacionalidad y, por consiguiente, este es el idioma ancestral más hablado en el país. Además, los indígenas kichwas han contado siempre con mayor representación política y social que el resto de nacionalidades del país. Cabe indicar que el *Enlace* contaba con traducción simultánea en algunas de las lenguas ancestrales del país, entre ellas el kichwa.

La dinámica durante el segmento era distinta a la que dominaba en el resto del *Enlace Ciudadano*. El tono en el que Correa se dirigía al público durante su intervención era, sobre todo, aleccionador. Correa explicaba a los asistentes sobre historia, economía, leyes, etc. Cuando era necesario ampliar la información, invitaba a intervenir a alguno de sus colaboradores o se apoyaba con diapositivas. También, durante su informe, mientras comentaba acerca de sus actividades, se refería a las críticas de la oposición y a lo que publicaba lo que él denominaba “la prensa corrupta”. Además, se proyectaban varios videos acerca de las actividades del presidente o sobre temas coyunturales en los que se contraponía la opinión del régimen y la de los opositores. En ocasiones, se dirigía a Maldonado para hacer algún comentario o una broma.

³ Esta provincia se encuentra al norte del país, en la Sierra, y cuenta con una amplia población indígena.

⁴ Esta entrevista se efectuó por correo electrónico el 1 de octubre de 2016.

En cambio, el resumen en kichwa era distendido. Mientras Maldonado leía su texto, que elaboraba en el transcurso del informe presidencial, Correa lo interrumpía constantemente, al hacer alguna broma o hablar sobre algún tema que rara vez tenía que ver con lo que Maldonado estaba narrando. Este segmento duraba aproximadamente 20 minutos; sin embargo, el tiempo en que se hablaba kichwa era, en promedio, de cinco minutos, con interrupción constante para interactuar en español. El tiempo en que se hablaba de corrido kichwa era de máximo dos minutos. En escasas ocasiones, sobre todo cuando el Enlace no era guiado por Correa sino por el vicepresidente (Lenín Moreno o Jorge Glas)⁵, el resumen de Maldonado se leía de corrido.

Si bien se trata de un resumen del *Enlace*, este se restringe a hablar sobre las actividades del presidente y casi nunca se alude a las declaraciones que este da sobre la coyuntura, que son, precisamente, las que generan polémica y marcan la agenda mediática y de debate durante la semana (Ayala, 2010). Era muy común que se conversara acerca de lo que Correa había comido en sus visitas o sobre el marcador del partido más importante. Aunque Correa interrumpía con mayor frecuencia, Maldonado también solía detener su discurso para preguntarle algo o hacer una broma. El informe en kichwa pasaba a segundo plano, pues lo más relevante de este segmento eran las bromas y la interacción entre Maldonado y el presidente.

Antes de ahondar en la importancia del kichwa y su papel como uno de los símbolos de la interculturalidad, me detendré brevemente en la nominación que se da a este segmento dentro del *Enlace*. Correa solía referirse a él como ‘traducción’, pero no se trataba de una traducción en el sentido estricto de la palabra, es decir, “expresar en una lengua lo que está escrito o se ha expresado antes en otra” (Asale, 2014), sino de un resumen, como lo indica Maldonado: “Se hace un resumen de las actividades de la semana. Pero también se amplía y se da énfasis en aquellos puntos que pueden estar relacionados con la comunidad indígena” (Entrevista, 2016). No obstante, en ocasiones, Maldonado también se reconoce como “un simple traductor, nada más” (*Enlace* 343⁶).

Correa se refiere varias veces a la tarea de Maldonado, que debe limitarse a traducir solo lo que él ha dicho, por ejemplo, en el *Enlace* 484⁷, cuando Maldonado habla sobre la pérdida del equipo del que Correa es hincha, le dice: “*Mashi*, usted tiene que traducir lo que yo informo, nada más, yo no he informado esa parte”. Aquí podemos ver que se considera que la labor de Maldonado era transmitir al pie de la letra lo que ha dicho el presidente. No obstante, al escuchar las intervenciones de Maldonado, se nota

⁵ Muy pocas veces Correa delegó la conducción del Enlace al vicepresidente. Esta delegación se debía, sobre todo, por viajes personales del presidente.

⁶ Emitido el 12 de octubre de 2013, desde Portoviejo, en la provincia costera de Manabí.

⁷ Emitido el 2 de agosto de 2014, desde Bucay, en la provincia costera de Guayas.

que no repite exactamente lo que ha dicho Correa; por ejemplo, este, en su informe, no especificaba lo que había comido ni hablaba siempre de los resultados de su equipo de fútbol. Es decir, de los pocos minutos que se usaban para resumir la sabatina en kichwa, poco tiempo se dedicaba a las actividades del presidente que pueden resultar trascendentales para formar un criterio sobre su labor. A continuación, revisaré la importancia del kichwa dentro de la Revolución Ciudadana.

4. LA IMPORTANCIA DEL KICHWA EN EL PROYECTO POLÍTICO DE CORREA

La interculturalidad y la plurinacionalidad se encuentran constantemente en el plan político de la Revolución Ciudadana, denominado *Plan Nacional del Buen Vivir* (Senplades, 2007; 2009; 2013). Desde un inicio, Correa se presentó como un candidato abierto a la diversidad cultural de Ecuador, pues el país cuenta con 14 nacionalidades indígenas, que representan el 7 % de la población de Ecuador. Según el último Censo Nacional (INEC, 2010), 591 448 personas hablan kichwa en Ecuador. Esta, al igual que el resto de lenguas ancestrales, ha sufrido un proceso de ocultamiento y desprestigio; sin embargo, se ha mantenido como el espacio simbólico de la resistencia.

En la Constitución de 1945 (art. 5), el kichwa y las otras “lenguas aborígenes” fueron reconocidas como elementos de la cultura nacional. En la Constitución de 1998 (art. 1), se reconoce que el “kichwa, el shuar y los demás idiomas ancestrales son de uso oficial para los pueblos indígenas en los términos que fija la ley”. Y, finalmente en la Constitución de 2008, cuya redacción fue la principal promesa de campaña de Correa, se indica: “El castellano es el idioma oficial del Ecuador; el castellano, el kichwa y el shuar son idiomas oficiales de relación intercultural. Los demás idiomas ancestrales son de uso oficial para los pueblos indígenas en las zonas donde habitan y en los términos que fija la ley. El Estado respetará y estimulará su conservación y uso” (art. 2).

Como vemos, el kichwa ha ganado prestigio en la legalidad. El hecho de que se lo reconozca como uno de los idiomas oficiales de relación intercultural implica que tenga más representatividad en el país. Correa, desde que se presentó como candidato a presidente, capitalizó el valor simbólico de esta lengua. En su juventud, vivió un tiempo en el pueblo kichwa de Zumbahua, en la provincia de Cotopaxi, donde aprendió el idioma y se relacionó con la cultura indígena. Durante su campaña, cuando visitaba comunidades indígenas, era común escucharlo hablar en kichwa y verlo vestido con poncho y sombrero. Cuando fue investido presidente, los indígenas organizaron una ceremonia en la que simbólicamente le entregaron el poder. En la mayoría de sus discursos, Correa solía incluir una parte en kichwa, e incluso en la sabatina solía intercambiar algunas palabras

con Maldonado, aunque la interacción se da en español. Según Maldonado, el gran aporte del segmento a la interculturalidad es

la visibilización de una lengua, tras ella de una cultura y sobre esta de una nacionalidad y por supuesto dar a conocer de un Ecuador con muchas culturas. La sola pronunciación de una palabra en kichwa, más aún si esta viene de parte del presidente, genera prestigio a estas culturas ancestrales que siempre fueron relegadas. Sabían que existían, pero nunca se les visibilizaba. (Entrevista, 2016)

En Ecuador no existen estadísticas que indiquen si, en realidad, la lengua kichwa cuenta con más hablantes desde que Correa fue presidente, pero es evidente que esta se ha vuelto más visible. En la Ley de Comunicación, expedida por el Gobierno en 2013 (que también es uno de sus estándares), se establece la obligatoriedad para los medios de comunicación de transmitir contenidos en los idiomas de relación intercultural, y el Reglamento a esta ley, en el artículo 14, establece:

3.- El uso de idiomas de relación intercultural será parte de la producción audiovisual de los contenidos interculturales, las expresiones en idiomas de relación intercultural se traducirán de forma oral o mediante subtítulos al idioma castellano.

4.- En medios impresos se destinará al menos el 5% del total de páginas de cada publicación para la difusión de contenidos interculturales.

5.- En la producción de contenidos interculturales publicados en impresos, las citas de las expresiones de los integrantes de los pueblos y nacionalidades pronunciadas en idiomas de relacionamiento intercultural deberán realizarse en tales idiomas y traducirse en el mismo texto al idioma castellano, sin perjuicio de que el medio elija realizar una versión en el idioma de relación intercultural y otra en idioma castellano. En tal caso, ambas versiones se considerarán parte del 5% de la publicación que, como mínimo, debe ser destinado a la difusión de contenidos interculturales. (2014)

Por lo tanto, es obligación de los medios brindar espacio a las lenguas ancestrales del país y, al ser la lengua ancestral más hablada, el kichwa tendrá mayor protagonismo. Aunque la sabatina no debía cumplir con esta ley, por tratarse de un programa de Gobierno, daba un espacio al kichwa. Si tomamos en cuenta que se trataba de un segmento de aproximadamente 20 minutos y que el *Enlace* duraba, en promedio, tres horas y media (210 minutos), el espacio que se daba al idioma de relación intercultural es del 9,52 %. Sin embargo, si consideramos que el tiempo real en el que se leía el informe en kichwa era un promedio de 5 minutos, este porcentaje apenas alcanzaba el 2,38 %.

5. LA INTERACCIÓN ENTRE EL PRESIDENTE Y EL MASHI

Durante la lectura del informe en kichwa ocurría una mayor interacción entre Correa y Maldonado en la sabatina. Si bien durante el *Enlace* Correa se dirigía varias veces hacia Maldonado para bromear a su costa o hacer un comentario, el resumen al

kichwa era un espacio distendido, donde se bromeaba y se hablaba de varios temas cotidianos, como la comida o el fútbol, que muchas veces Correa no mencionaba en sus intervenciones. En este apartado revisaré cuáles son estos temas recurrentes, cómo es la interacción que ocurre en relación con el kichwa, y cómo se presentan el presidente y el *Mashi* durante este segmento.

5.1 TEMAS RECURRENTES E INTERRUPCIONES

A medida que se desarrollaron los *Enlaces Ciudadanos*, Maldonado ganó protagonismo y aumentó la interacción entre él y Correa. En las primeras sabatinas se lo veía bastante tímido, se equivocaba mientras leía, permanecía con las piernas cruzadas, no levantaba la mirada del informe; sin embargo, en las últimas sabatinas mantenía un diálogo muy fluido con el presidente, le hacía bromas y preguntas, y le ‘seguía la corriente’ en varias oportunidades. No obstante, mientras el personaje del *Mashi* adquiría protagonismo, el informe al kichwa parecía perder su valor.

Si bien en los primeros *Enlaces*, que se transmitían únicamente por radio, el informe duraba muy pocos minutos, se leía de forma continua. No existían interrupciones y resultaba más fácil para el interlocutor kichwahablante seguir el hilo de las actividades presidenciales. Después, el segmento dedicado al resumen fue mayor (aproximadamente 20 minutos), pero los diversos cortes e interrupciones impedían seguir un hilo argumental, pues ocurrían en cualquier momento. Un ejemplo muy claro se puede ver en la siguiente interacción, del *Enlace* 481⁸:

M: Manta Manta Manta Mantapimi [*palabras en kichwa*].

P: Village People, pues, un compañero de Village People ahí, ¿no? [*señala a alguien y saluda*] [*risas*] Del Ministerio de Transporte y Obras Públicas, pero siempre anda a lo Village People.

M: Ya [*mira hacia su guion*].

P: WMCA [*en tono de canción y alza las manos en señal de baile*].

M: Sí sí sí, recordaba ese grupo [*se enfoca al personaje aludido, que se ríe*], señor presidente [*palabras en kichwa*].

P: Ponle Village People, vea [*P se dirige al programador, M mira a P*], a ver si baila [*se enfoca nuevamente a ambos*] [*P vuelve a alzarlas manos en señal de baile*].

Como vemos en esta interacción, el presidente no atiende a lo que dice Maldonado, pues mientras él lee su resumen, Correa mira hacia otra parte. En el *Enlace* 343⁹, el presidente interrumpe constantemente el informe del *Mashi* para elogiar a las mujeres que enfoca la cámara, con frases como: “Mire cómo se le ríe la chica esa guapísima”, “mire esa belleza, esa morena guapísima”, “por estar viendo sus apuntes se pierde todas las guapas que está enfocando el camarógrafo”, “otra manabita guapísima [...] todas las

⁸ Este *Enlace* fue emitido el 26 de junio de 2016 desde la ciudad de Manta, en la provincia costera de Manabí.

⁹ Emitido el 12 de octubre de 2013 desde la ciudad de Portoviejo, también en Manabí.

mujeres manabitas se caracterizan por su belleza, por su inteligencia, por su trabajo, eso sí, son bien fregadas". Este tipo de interrupción, para halagar a las mujeres del público, era muy común durante las sabatinas.

También suele ser Maldonado quien interrumpe su discurso para comentar con Correa acerca de lo que ha comido durante sus visitas, y la conversación suele derivar del informe a conversaciones 'culinarias'. Veamos el siguiente ejemplo, del *Enlace* 451¹⁰:

M: Camarones en salsa de tomate de árbol, parrillada, bife bife de pollo, corvina, chorizos, vegetales asados, papas cocinadas y arroz con monos. No no no, arroz con moros es ¿no? Me he equivocado en escribir, presidente, arroz con moros.
P: *Mashi*, el hecho de que estemos en Lago Agrio no es para que sea tan agrio, Dios mío.

M: Salsa de queso, chimichurri, ají, piñas a la brasa con helado variado [*palabras en kichwa*] y también cantó ahí, ¿no? En el almuerzo con los grandes artistas, incluido usted.

P: Por supuesto, ¿usted cree que me iba perder eso?

Por otro lado, existen diversas interrupciones para hablar acerca de la selección de fútbol de Ecuador, así como de los equipos de los cuales Correa y Maldonado son hinchas. Correa no suele hablar en sus intervenciones acerca de su equipo de fútbol (sí de la Selección), sin embargo, este siempre forma parte de las intervenciones del *Mashi*, como vemos en este ejemplo del *Enlace* 212¹¹:

M: El martes fue un día triste para usted, señor presidente, el equipo de los siete millones, el equipo de los Arosemena, Dassum, Water, el equipo de Neme, lamentablemente cayó.

P: Sí, pero aunque sea jugando en México a nivel internacional. ¿Dónde está jugando Deportivo Quito? ¿En La Carolina?

M: No, señor presidente.

P: Y perdimos con las justas, merecimos un empate por lo menos.

[...]

P: *Mashi*, estamos recontraatrasados, límitese a traducir lo que informé, no invente, no agregue.

Como vemos en la última línea de la interacción citada, Correa pide a Maldonado que lea rápido su informe y que se limite a traducir lo que él ha dicho sin agregar nada. Ese también es un tema recurrente durante la lectura del informe en kichwa. En varias sabatinas, el presidente, al dar la palabra al *Mashi*, le pide que sea rápido con su lectura, incluso suele utilizar la palabra kichwa *ujta*, que significa 'rápido'. Es interesante este punto, porque, pese a estar atrasados, es Correa mismo quien da pie a que el informe no se lea de manea continua. También bromea con Maldonado acerca de lo aburridas que

¹⁰ Emitido el 21 de noviembre de 2015 desde la ciudad de Lago Agrio, en la provincia amazónica de Sucumbíos.

¹¹ Emitido el 12 de marzo de 2011 desde Santo Domingo de los Tsáchilas, en la provincia serrana del mismo nombre.

son sus intervenciones, y menciona que la gente suele irse mientras él habla. Veamos este ejemplo del Enlace 241¹²:

P: *Mashi*, ya vamos a acabar con la traducción kichwa. Cada vez que empieza a hablar el *Mashi* la gente se empieza a ir.

M: Es que ya son tres horas y más, señor presidente, la gente tiene hambre.

P: No, es porque usted empieza a hablar. No se vayan, no sean malos, escuchen al *Mashi*.

5.2 EL KICHWA DURANTE LA INTERACCIÓN

En relación con el kichwa, hay dos puntos que deben tenerse en cuenta: el primero tiene que ver con la lectura del informe en sí, y el segundo con las menciones que se hacen a este idioma y las interacciones en kichwa entre Correa y Maldonado. Acerca del primer punto, el de las interrupciones, como ya vimos en el apartado anterior, el informe en kichwa pierde su hilo argumental a medida que aumenta el protagonismo de Maldonado. Si tomamos en cuenta que el 35 % de la población indígena es monolingüe (Pijal, 2010, p. 5), seguir el hilo de un informe constantemente interrumpido puede ser complicado, por lo que el informe no cumpliría el objetivo de informar a esta población acerca de las labores del presidente.

Además, en varias ocasiones se menciona que el informe se traduce al kichwa, se habla acerca de esta lengua y se alude a los asistentes kichwahablantes. Veamos los siguientes ejemplos:

*Enlace 492*¹³:

P: *Mashi*, ¿usted sí sabe que en Galápagos hay mucha población kichwahablante?

M: Sí.

P: Hay muchos compañeros salasacas, muchos compañeros de los kichwas de la Sierra.

M: Sí.

P: Tal vez en proporción, debe ser el territorio con mayor población de compañeros kichwahablantes.

M: Así es, señor presidente.

P: Así que muy pertinente la traducción en kichwa. ¿Quién habla kichwa por aquí? ¿Está un hermano salasaca? ¿Y sí me entienden o no al *Mashi*?

*Enlace 394*¹⁴:

P: Y los compañeros kichwahablantes de la Amazonía, ¿sí le entienden al *Mashi*?

M: Obvio, obvio.

P: El kichwa de la Sierra es bien diferente al kichwa de la Amazonía.

M: No nos divida, Presi.

P: Ashka pagarachu, mashikuna¹⁵.

¹² Emitido el 8 de octubre de 2011, desde la ciudad de Chanduy, en la provincia costera de Santa Helena.

¹³ Emitido el 16 de septiembre de 2016, desde la ciudad de Santa Cruz, en la provincia insular de Galápagos.

¹⁴ Emitido el 11 de octubre de 2014 desde la ciudad de Archidona, en la provincia amazónica de Napo.

¹⁵ "Muy agradecido, compañeros".

Como vemos, el presidente también habla en kichwa con los asistentes. En el siguiente ejemplo, podemos ver cómo se habla también acerca de la lengua. Cabe anotar que este Enlace, el 456, del 26 de diciembre de 2015, fue emitido en el pueblo de Zumbahua, en la provincia de Cotopaxi, donde Correa vivió un año:

P: Sumak sumakmi mushuk wata charinkichik mashikuna. *Mashi*.
M: O sumak watakachu. Sumak watakachu. Que sea, el -chumi es el subjuntivo: que sea un super superaño.
P: Pero es correcto sumak, gran grandioso, mushuk wata, nuevo año, charinkichik, tengan.
M: Está bien, sí.
P: Es que usted no conoce el kichwa culto, *Mashi*, yo hablo el kichwa culto. Vamos a ver si le entienden aquí en Zumbahua el kichwa al *Mashi*.

En esta interacción es interesante ver cómo Correa cuestiona la competencia del *Mashi* en kichwa, cuando se supone que más competente es quien habla kichwa y lo enseña. Según Maldonado, el hecho de que el presidente hable kichwa es una manera de dar prestigio a la lengua y aumenta la autoestima de los indígenas, pues “algunos comentarios de los indígenas dicen ‘Sí ha valido nuestra lengua’, ‘¿Ves? Hasta el presidente habla el kichwa, ¿ves que sí valemos?’, ‘Lindo se oye nuestro kichwa’” (Entrevista, 2016).

6. EL PRESIDENTE Y EL MASHI, UNA PERSPECTIVA DESDE EL ETHOS

Al preguntarle a Maldonado sobre su percepción acerca de cómo reciben los asistentes a los *Enlaces* el resumen en kichwa, contestó lo siguiente:

La recepción es muy positiva. Pues en cuanto se interactúa se conoce el lado humano del presidente. Allí conocemos los gustos en diferentes aspectos del presidente. Así conocemos el tipo de comida que le gusta, hincha de qué equipo de fútbol es, qué tipo de música es de su preferencia, tipo de vestimenta, cuánto dinero tiene en su billetera, etc., etc. Allí la gente ve a un presidente que es tan igual como cualquier ciudadano. Allí se ve que le conduele la injusticia, la pobreza y la vulnerabilidad de los grupos abandonados, entre ellos los indígenas. (Entrevista, 2016)

Esta respuesta da cuenta de que la intención del informe, más que reivindicar el kichwa y reforzar la identidad indígena, es mostrar una representación del presidente Correa como alguien cercano al pueblo. Dentro de este ethos de presidente cercano al pueblo que se quiere construir, la presencia de Correa funciona como “garante”, en el sentido que atribuye Mainguenu a este (2010, p. 8), es decir, es quien da voz y corporalidad a aquello que espera el destinatario del enunciador. Correa se presenta como una persona cercana al pueblo, humana, igual a todos. De ahí que los temas de conversación que mantiene con Maldonado sean cotidianos, alejados de los temas ‘duros’ de los que habla en el resto de su intervención.

Aquí también cabe mencionar las características que da Charaudeau (2009) al líder populista, pues es así como se proyecta Correa en sus actividades, y, de manera especial, en los *Enlaces Ciudadanos*. Según este autor, el líder populista se muestra, en primer lugar, como representante del pueblo, y es este, precisamente, el *ethos* más evidente que presenta Correa. El vínculo que se establece en la sabatina y, de manera especial, en el segmento de resumen al kichwa, es “de orden sentimental más que ideológico”, como caracteriza Charaudeau a esta relación (2009, p. 268). Por ejemplo, en la última sabatina, del 20 de mayo de 2017¹⁶, se puede ver cómo Correa agradece a ese pueblo por haberlo elegido (lo hace en español, aunque la interacción se da dentro del resumen en kichwa):

M: Presi, ahí dice te vas invicto [se enfoca un cartel que dice: “Té vás INVICTO Rafael” (sic.)]. 14 elecciones ganadas, por eso debe ser [alzando la voz], te vas invicto Rafeeeeel [risas].

P: Eso no es lo más importante, compañeros, por supuesto que es importante ganar. Lo más importante es actuar siempre con principios, valores, con infinito amor. Si hubiéramos perdido, bueno, hubiéramos continuado, continuado luchando por esa patria nueva, ¿no? Como dice Rudyard Kipling: si llega tu triunfo... si tropiezas en triunfo. Si llega tu derrota y ambos impostores lo tratan de igual forma, todo lo de esta tierra será tu dominio y mucho más. Entonces serás hombre, hijo mío. Gracias a Dios y al pueblo ecuatoriano, ganamos 14 elecciones consecutivas, pero si hubiéramos perdido, la lucha continuaba, compañeros, en cualquier parte se puede seguir y debe seguir luchándose por la patria nueva.

P: Chasnami, chasnami lunes punchaka Rafael Correa Quitopimi karka [...].

En la interacción entre Correa y Maldonado se evidencia constantemente este ‘orden sentimental’, pues priman la camaradería y la cercanía, las bromas y el lenguaje coloquial. En este sentido también podemos ubicar el *ethos* de autenticidad, en el que “se trata de establecer una relación de confianza ciega” (Charaudeau, 2009, p. 268) entre el mandatario y sus mandantes. La conversación de Correa y Maldonado muestra esta relación de confianza y también de igualdad: el pueblo, representado por Maldonado, dialoga ‘de tú a tú’ con el presidente, entre ellos no media ninguna barrera que pueda sugerir una diferencia. Siguiendo con la última sabatina, podemos ver, en las siguientes líneas, cómo ambos conversan acerca de fútbol y del perro de Maldonado, que fue regalado por Correa y al cual puso el nombre de Rafañón:

M: Y también quiero decirle, Presi, personalmente hechos positivos. A los cuarenta años el Deportivo Quito fue campeón en su gobierno, presidente, y fue tricampeón en el gobierno de la Revolución Colombiana... de Ecuador [risas] Revolución Ciudadana.

P: Revolución Colombiana, va bien va bien, Mashi. Ya no más trago para el Mashi.

M: Sí. Y, por lo tanto, para mí el hecho positivo fue la llegada de Rafañón a la casa, 2015, presidente.

P: ¿En serio le puso Rafañón? Ya se lo voy a quitar al perro. ¿En serio le puso Rafañón?

¹⁶ *Enlace* 523, emitido el 20 de mayo de 2017 desde el Parque Samanes, en la ciudad de Guayaquil.

M: Sí, presidente.

P: Ya le voy a quitar el perro.

M: Y así, presidente, hechos positivos. Y ahora, sábado, estamos justamente en el par...

P: Vea Mashí, por qué no habla de fútbol, pues, el día miércoles qué pasó en Medellín.

M: Emelec, Emelec ganó, Emelec.

P: Emelec 2, Independiente de Medellín 1.

M: En Colombiaaaa.

P: No hablemos del día jueves, ¿ah? Por respeto a los barcelonistas [risas].

El *ethos* de autenticidad que Correa despliega en la interacción con Maldonado contrasta con el otro *ethos* que, según Charaudeau, caracteriza al líder populista: el de potencia. Este, que se caracteriza por “arrebatos de protesta, fórmulas de choque y manejo de la ironía” (2009, p. 269), está presente en el resto del *Enlace Ciudadano*, en el que Correa se enfrenta con los opositores y los ‘corruptos’. Este *ethos* es menos evidente en la interacción con Maldonado, que, como ya he mencionado, es distendida. Sin embargo, independientemente del *ethos* que ‘domine’ en determinados segmentos de la sabatina, Correa se muestra siempre como un líder carismático, que está cercano al pueblo, que entiende su sufrimiento, que ha derrotado cualquier barrera entre mandantes y mandatarios.

En relación con el destinatario, considero que en el caso del segmento del resumen en kichwa, este se encuentra ‘unificado’, por decirlo de alguna manera, en Maldonado, quien representa a ese pueblo al que Correa quiere acercarse, por eso el mundo ético que construye está constituido por una escenografía que da cuenta de esta cercanía. El mismo hecho de que se refiera a Maldonado como *Mashí* es una ruptura del *ethos* de un presidente aleccionador y crítico que se presenta en el resto del *Enlace* y en la mayoría de discursos de Correa, y, precisamente lo que genera el paso del *ethos* de potencia al *ethos* de autenticidad. Mediante la cercanía que implica este tratamiento, Correa, como garante del *ethos* que quiere construir, se inscribe en un mundo ético donde priman la camaradería, la risa, la humanidad. Estas características, unidas al lenguaje coloquial, la escasa interacción en kichwa y los temas recurrentes, construyen una escenografía amistosa, distendida, propicia para que el *ethos* de un presidente cercano al pueblo pueda llevarse a cabo. A este respecto, Mainguenu afirma: “Los contenidos desplegados por el discurso permiten especificar y validar el *ethos*, y su escenografía, y es a través de éstos que surgen dichos contenidos” (2010, p. 10).

La imagen de sí que proyecta Correa está constituida por aquello que él dice de sí mismo, pero también en su manera de dirigirse a Maldonado. Como menciona Amossy, en su texto ‘La presentación de sí. Ethos e identidad verbal’ (2010), existen dos cuestiones

que deben tenerse en cuenta: cómo se inscribe el 'yo' dentro de su discurso y cómo se inscribe con respecto a un 'tú'. Por ejemplo, en el citado *Enlace 481* se da esta interacción:

M: Yo no utilizo estas gafas. Reisban creo dice, presidente.

P: Regaladitas, por si acaso. Pero uso gafas porque me dijo el oculista me protege del sol.

Aquí podemos ver cómo, mediante la interacción con Maldonado, Correa indica que él no compra accesorios caros sino que se los regalan y que, además, se deben a una prescripción médica. A través de la interacción, el destinatario, encarnado en el *Mashi* y mediado también por este, sabe que Correa no bebe, que le gusta cantar, que tiene dos perros, que es ciclista, un hombre de familia, entre muchos otros datos que le permiten inscribirse en el *ethos* del presidente cercano, igual a cualquier ciudadano común y corriente.

En relación con Maldonado, la presentación de sí que ocurre en la interacción con Correa es, como su 'apodo' lo indica, la de *mashi*, es el compañero, el cómplice del presidente, una persona sencilla del pueblo. Es, además, como lo indica en su discurso, alguien que representa al pueblo y que ha sufrido, como la mayoría de indígenas, la discriminación. Así podemos verlo en la siguiente declaración, del citado *Enlace 456*, que sigue a una explicación de Correa acerca del ocultamiento que se daba a lo indígena antes de su Gobierno:

Yo soy fruto de esa época. Mi primer hermano, el que fue a la escuela, no pudo entrar a una escuela religiosa vestido de indígena, y ahí tuvimos que cortarnos el cabello, cambiarnos de vestimenta, yo soy fruto de esa época.

Asimismo, lo que dice Correa sobre él también refuerza este *ethos* de cómplice, por un lado lo presenta como un igual, pero también se burla de él, pues están dentro de una escenografía de conversación amistosa: "Aquí donde ven al *Mashi*, no se dejen guiar por la cara de gil, ¿ah?, él es economista, antropólogo, profesor de kichwa, experto en cosmovisión kichwa, es máster, más terco que una mula" (*Enlace 394*). Mediante la interacción con Correa, sabemos que este indígena es oriundo de Peguche, que vive en Quito, que tiene tres hijos y otros datos más.

En la siguiente interacción podemos ver claramente estas representaciones de Correa y de Maldonado, como cercanos y cómplices:

M: Y, como decía Jim Morrison, this is the end [*risas del público*]. En Manabí, pero, en Manabí.

P: ¿Quién decía?

M: Jim Morrison, el cantante de Doors, esa es otra parte que le faltó en estos diez años, presidente, aprendió todo, yo intenté aprender algo de lo suyo.

P: Yo soy neófito en cuestiones de rock, heavy metal, en cuestiones de licores también.

M: Sí sí, así parece, presidente.

P: A lo sumo cervecita o un buen vino.

M: Pero ¿ha escuchado el dicho que dice, en el vino hay sabiduría, en la cerveza hay libertad, y en el agua? Hay bacterias presidente [risas del público]. Chasnami chasnami.

P: Qué agrio, Mashi. ¿Tienen el limón de oro por ahí? Para darle un limonazo. Mashi, ya es tardísimo, así que ujta, Mashi¹⁷.

Como vemos, los *ethe* de Correa y de Maldonado contribuyen a reforzar el que parece ser el verdadero objetivo del resumen al kichwa: mostrar a un presidente cercano al pueblo, que puede bromear con los ciudadanos en un mismo nivel, presentarse ante él como un ser humano que siente y vive el día a día como cualquier ecuatoriano.

7. CONCLUSIONES

Como se ha visto en este trabajo, el informe en kichwa del *Enlace Ciudadano* de Rafael Correa representa un espacio en el que este puede presentarse antes sus mandantes como una persona común y corriente, que, pese a estar investido con la Primera Magistratura, piensa y siente como cualquier ciudadano. La interacción entre Correa y Maldonado contribuye a fijar esta idea en la ciudadanía. Sin embargo, también es importante tomar en cuenta que lo que suele verse de la sabatina es aquello que se transmite por televisión, y en esta transmisión la cámara cumple un papel fundamental. Al asistir a las sabatinas, puede verse que la interacción entre Correa y Maldonado es un poco distinta, pues, durante el *Enlace*, Maldonado es el encargado de agrupar los papeles que va leyendo Correa, y, al final de este, se encarga de ordenar el espacio.

También es importante notar que Correa casi nunca se despide de Maldonado, es decir, no existe un protocolo de cierre del segmento de la traducción al kichwa. En la última sabatina, por ejemplo, podemos ver cómo, después del agradecimiento de Maldonado, Correa pasa a otro tema, sin despedirse ni agradecer:

M: Y así estamos el sábado el sábado el sábado en Parque Samanees. Y ya nos vamos, ya nos vamos. Enlace 523 y ya nos vamos, presidente. Mil gracias por todo, por la oportunidad de estar aquí, Presi. Gracias, gracias, Presi [Correa le da la mano].

P: Gracias a todos, compañeros, han sido diez años maravillosos, estamos acabando casi a las doce y media, el último enlace casi le acertamos.

M: Enlace, puntualitos, presidente.

P: Debimos hacerlo hace cuatro cinco años esto, pero antes de despedirnos, yo sé que estuvieron queridos compañeros artistas antes del inicio del Enlace para entretener a todos ustedes. Muchas gracias al grupo Mapalé, todos todos están participando voluntariamente [continúa con los agradecimientos a los artistas].

Por otro lado, el informe en kichwa como tal pasa a un segundo plano. La lectura de este parece ser un pretexto para presentar los *ethe* de un presidente cercano al

¹⁷ *Enlace 522*, emitido el 13 de mayo desde Jaramijó, Manabí.

pueblo y de un pueblo (representado y mediado por Maldonado) cómplice y amigo. En el último *Enlace* se puede ver, incluso, que Maldonado no termina su informe y no hay una despedida en kichwa. No obstante, la inclusión de un segmento en un idioma ancestral, silenciado durante siglos, contribuye a la visibilización de este. Será necesario, a lo largo del tiempo, rastrear los alcances de esta visibilización y si contribuyen a reforzar los valores interculturales y pluriétnicos, o son una nueva manera de colonización.

REFERENCIAS

AMOSSY, R. Imágenes del sí, imágenes del otro. **En La presentación de sí. Ethos e identidad verbal.** Traducción de María Mercedes López. Buenos Aires: UBA, 2010.

ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, ASELE. **Diccionario de la Lengua Española**, 2014. Disponible en: <http://dle.rae.es/?id=DglqVCc>

AYALA MARÍN, A. (coord.). **La influencia del discurso presidencial en los medios ecuatorianos.** Quito: Ciespal, 2010.

CHARAUDEAU, P. Reflexiones para el análisis del discurso populista, en *Discurso y sociedad*, v. 3, n. 2, pp. 253-279, 2009.

EL COMERCIO. El Mashi Maldonado, el único con licencia para bromear con Correa, 20 de septiembre de 2009. Disponible en: <https://www.elcomercio.com/actualidad/mashi-maldonado-unico-licencia-bromear.html>

MAINGUENAU, D. **El enunciador encarnado. La problemática del Ethos.** Traducción de Ramón Alvarado, v. 24, pp. 203-225. México: UAM, 2010.

Pijal, L. **¿Cómo estamos las nacionalidades y pueblos indígenas según el Censo Poblacional 2010?**, 2010. Disponible en: <https://es.scribd.com/doc/78682440/indicadores-de-nacionalidades-y-pueblos-censo-de-poblacion-y-vivienda-2010>.

SECRETARÍA DE COMUNICACIÓN DE ECUADOR. **Enlace Ciudadano.** Archivo virtual. <http://enlaceciudadano.gob.ec/blog/>.

SECRETARÍA NACIONAL DE PLANIFICACIÓN, SENPLADES. **Plan Nacional del Buen Vivir 2009-2013.** Quito: Senplades, 2009.

SENPLADES. **Plan Nacional de Desarrollo 2007-2010.** Quito: Senplades, 2007.

SENPLADES. **Plan Nacional del Buen Vivir 2013-2017.** Quito: Senplades, 2013.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**